



Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre



Maio 2024

Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

MAIO: Pela formação de religiosas, religiosos e seminaristas

Rezemos para que as religiosas, os religiosos e os seminaristas cresçam na sua caminhada vocacional através de uma formação humana, pastoral, espiritual e comunitária, que os leve a serem testemunhas credíveis do Evangelho.

A Folha de Oração Sementes de Esperança é uma publicação mensal da ACN Portugal em comunhão com a Igreja que Sofre. As várias rubricas apelam à oração e a um maior conhecimento desta realidade, através de fontes de informação no terreno e contactos exclusivos.

A oração é um dos pilares fundamentais da nossa missão. Sem a força que nos vem de Deus, não seríamos capazes de ajudar os Cristãos perseguidos e que sofrem por causa da sua fé.

Para os ajudar, criámos uma grande corrente de oração e distribuímos gratuitamente a Folha de Oração Sementes de Esperança, precisamente porque queremos que este movimento de oração seja cada vez maior.

Ajude-nos a divulgá-la na sua paróquia, grupo de oração, família, amigos e vizinhos. Por favor, não deite fora esta Folha de Oração. Depois de a ler, partilhe-a com alguém ou deixe-a na sua paróquia ou noutro local.

SEMENTES DE ESPERANÇA - Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
REDACÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj,
Alexandra Ferreira
FONTE L'Église dans le monde - AIS França
FOTOS © AIS; © P. et A. Villemain

CAPA Philipp Veit, *Imaculada Conceição*
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

NESTA PÁSCOA EU VI OS SINAIS DAS CONSOLAÇÕES DE DEUS

Num Domingo da Quaresma, enquanto aguardava o início da celebração, na sacristia, um diácono permanente e um sacerdote falavam sobre a crise actual na Igreja, e concordavam na verificação de que a Igreja está doente! Eu começava a ficar incomodado com a conversa, pois não era seguramente a melhor preparação para a Missa, e resolvi intervir: “Senhor Diácono, desculpe não concordar consigo. A Igreja não está doente! Você talvez esteja doente; muitos cristãos, da mais alta hierarquia até aos simples fiéis, estarão doentes e precisam de se tratar. Mas a Igreja não está doente, ela é o Corpo místico de Cristo e tem em si todos os meios necessários para a cura das nossas doenças!

Não sei se o diácono concordou comigo, mas calou-se e a conversa assim terminou. E a celebração da Missa, com toda a dignidade e devoção da comunidade recolhida em oração, bem como as comunidades que de então para cá visitei, confirmaram a minha afirmação: a Igreja não está doente. Da Califórnia a Angola, passando por Portugal, as comunidades

estão vivas, sob a direcção solícita dos seus pastores, que não desistem de as conduzir pelos caminhos da Verdade. Perante Pilatos, em Sexta-Feira Santa, o Senhor declarou: “Eu vim para dar testemunho da Verdade”! (Jo 18,37). Ele é o Homem (Jo 19,1-5) e é a Verdade: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6).

Em Turlock, na Califórnia, em Luanda, com D. Filomeno, na Missa crismal; na celebração da Ceia do Senhor, em Quinta-feira Santa, na Paróquia de Santa Mónica, em Ramiros (Luanda); na Vigília Pascal, na Sé patriarcal com D. Rui Valério; na paróquia onde presidi à celebração no Domingo de Páscoa, em todas as comunidades tive a graça de estar mergulhado numa profunda atmosfera espiritual a celebrar os mistérios da nossa redenção, sinais vivos de que o Senhor está vivo na Santa Igreja.

Os acontecimentos que evocamos nas celebrações não são episódios situados no passado longínquo da história: são mistérios! Tal como os apóstolos, também nós hoje podemos com toda a justeza dizer: “Nós

somos testemunhas destas coisas, porque comemos e bebemos com Ele depois da ressurreição dos mortos”! (Act 10,41) Tanto na Califórnia, como em Angola e em Lisboa, como por aí fora em todas as comunidades que vivem e celebram a mesma fé católica e apostólica (Cânion Romano), foi celebrado o mesmo mistério da Presença do Senhor Ressuscitado na Igreja, vivo e verdadeiro!

É verdade que vivemos no meio de uma geração má e perversa, com a qual não nos podemos identificar; antes, dela nos devemos demarcar, como nos recomendava S. Pedro logo no dia do Pentecostes: “salvai-vos, dizia, desta geração perversa” (Act 2,40; cf. Mt 12,39; Fl 2,14-17). Mas o Senhor venceu a morte e dá-nos sempre o Seu Espírito Santo para participarmos

nesta vitória! Este é o anúncio que só a Igreja pode proclamar e este é o sólido alicerce sobre o qual ela está construída e “contra o qual as portas do Inferno nada poderão contra ela” (Mt 16,18).

A Igreja não está doente! Para quem verdadeiramente acredita, Ela está mais viva do que nunca! Como dizia Santo Agostinho: a Igreja peregrina na história entre as perseguições do mundo (que pelo fumo de Satanás entrou nela!) e as consolações de Deus. Nesta Páscoa eu vi os sinais das consolações de Deus!.

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS

Superfície:
114.763 km²

População:
12,1 bilhões

Religiões:

Cristãos: 43,5%

Muçulmanos: 27,6%

Religiões tradi-
cionais: 28,5%

Outros: 0,4%

Língua Oficial:
Francês



BENIM

FÉ E ESPERANÇA

Graças à Fundação AIS, Paloma e Amaury Villemain foram enviados em missão, durante dois meses, para o Benim. Tendo partido para ajudar a pintar a escola de Goutchon, no centro do país, vieram encantados com a vitalidade da Igreja local.

A história da Igreja do Benim começa no séc. XVII, com a chegada dos missionários portugueses. Ela começou a ter uma forte influência na vida espiritual, social e cultural dos Beninenses a partir de 1862, com a chegada de Francesco Borghero, primeiro missionário de Daomé. Actualmente, conta com uma população de fiéis muito empenhados.

O acolhimento que nos foi dado por esta comunidade de Goutchon foi

incrível e contrasta fortemente com os nossos países “desenvolvidos”. Uma noite, antes de regressarmos ao nosso alojamento, o nosso motorista pára em frente à casa de um dos habitantes, Étienne. Seguimos o nosso motorista, sem perceber nada, e eis-nos na sala de Étienne com os outros 12 responsáveis da comunidade, presentes para terem a certeza de que tudo estava bem com ele, que tinha apenas uma simples conjuntivite. Esta paragem inusitada



A Igreja oferece educação e catequese a milhões de jovens.

foi sintomática do amor fraternal dos habitantes desta aldeia e da sua preocupação com os outros.

A Igreja Católica beninense, presente em todas as regiões, proporciona educação a milhões de jovens. Faz a gestão de numerosas escolas primárias, colégios e liceus por todo o país. A oração faz parte integrante do ensino, em cada intervalo e no retomar das aulas, a Missa semanal adaptada às crianças e a catequese à quarta-feira à tarde.

A língua oficial do Benim é o Francês, que é a que se fala na escola. As crianças não a dominam, falam o seu dialecto local durante os recreios e em casa. Para avançar no programa, o sistema educativo é, pois, obrigado a dar-lhes as aulas utilizando o método global e o “de cor”. Imaginem uma criança na primária tentando ler uma lição sobre “o sistema hidráulico do Benim” sem perceber uma palavra do texto...

Grande fervor

Um dos desafios actuais da Igreja Católica no Benim é a presença de outros cultos, nomeadamente a tradição vudu, uma prática espiritual animista e secular. Segundo as estatísticas, 12% da população pratica o vudu, mas de certeza que a percentagem é maior, porque não é raro ver um beninense com um pé no Catolicismo e outro na tradição vudu. Os padres beninenses estão conscientes disso e têm um papel de educadores para desempenhar.

Felizmente, no Benim, os seminários estão cheios de jovens. Para vos dar um exemplo, na cidade de Bohicon em cada actividade de divulgação participam cerca de 120 jovens entre os 18 e os 30 anos.

De um modo geral, descobrimos que a fé dos beninenses católicos se manifesta com um grande fervor. Os que



A fé dos Beninenses exprime-se pela dança e pelo louvor.

conhecemos revelaram um abandono a Deus quase constante.

Mas há ainda muitos aspectos a aprofundar como a visão sobre ser casal e sobre o casamento. O Pe. Alonse, responsável pela comunidade de Goutchon, aproveitou a nossa presença para nos pedir para dar testemunho do que é ser um casal cristão em França.

Tivemos ocasião de abordar as linguagens do amor, a fidelidade, a confiança homem/mulher, o perdão. Nesta conferência, vimos que homens e mulheres não se sentam um ao lado do outro. Perguntam-nos: “Na Europa homem e mulher dormem juntos? Têm o mesmo quarto?” Uma diferença lógica quando se conhece a sua cultura cheia de grande pudor e a sua tradição polígama (e consequentemente um quarto para cada mulher).

Haveria ainda muito mais a dizer sobre a Igreja do Benim. Recordamos, acima

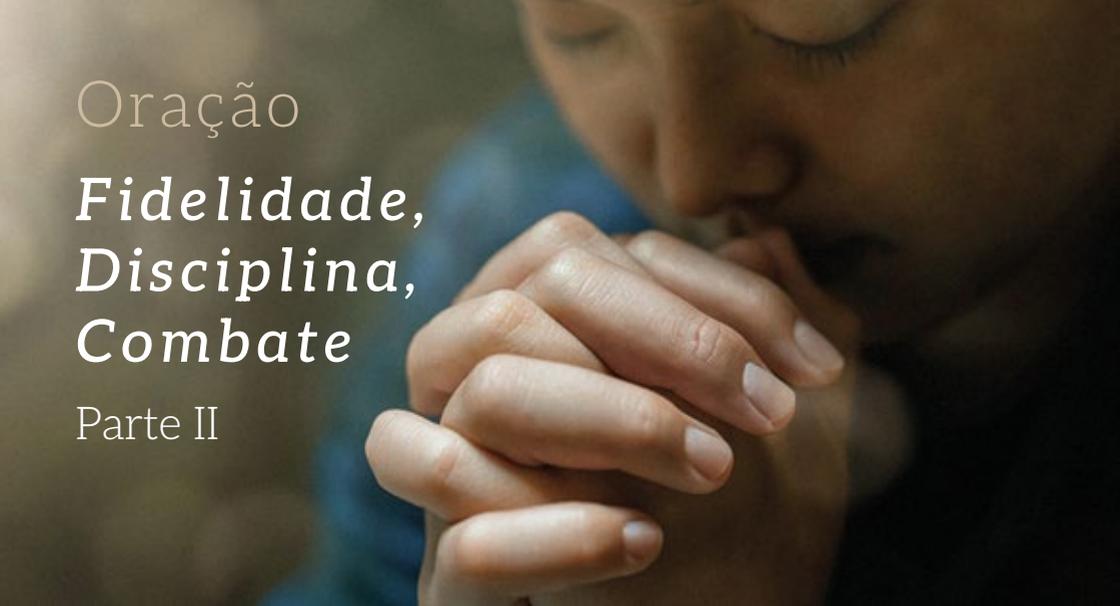
de tudo, o seu grande fervor. O apogeu desta fé revela-se nas Missas: um folclore de cores, de cânticos, de dança, de louvor e de oração. Um verdadeiro sopro de esperança.

Oração

Para que a Igreja no Benim continue a ajudar o seu povo a abrir o coração a Jesus, nós Te pedimos Senhor.

VER A ESPERANÇA

“No início da missão, a Fundação AIS deu-nos uma pulseira na qual estava escrito, ‘Testemunha da Esperança’. Constatámos que estávamos lá não para dar testemunho da esperança na fé cristã da Europa, mas para ver com os nossos próprios olhos a esperança que reina neste país para no nosso regresso darmos testemunho dela.”



Oração

Fidelidade, Disciplina, Combate

Parte II

O COMBATE ESPIRITUAL

Hoje em dia é particularmente importante insistir no facto de que **a oração é um combate e continuará a sê-lo ao longo de toda a vida**. Novo paradoxo, pois esse combate é muito real, embora seja o combate da doçura: não se trata de nos combatermos a nós próprios, de lutar contra nós, mas de “querer Deus”, como dizia Eckhart ou Catarina de Sena. **Esse combate é o do autoconhecimento, para nos sabermos aceitar com doçura, para aprendermos a recentrar-nos incansavelmente em Deus, quando tudo nos dispersa.**

Mal se ouve falar em combate, pensa-se em tensões, em voluntarismo, em incapacidade de acolher o dom de Deus, etc. A oração, porém, é uma prova, tal como o combate de Jacob, pois ela é o frente a frente do ser humano com o seu Deus, da criatura pecadora com a santidade do seu criador. O ser humano não persevera facilmente nesse lugar! Ele aproveita todas as ocasiões para escapar à prova, pois a presença do seu Deus impõe-lhe a verdade sobre si próprio. No texto (...) sobre a meditação cristã, o Cardeal Ratzinger evocava esse combate da oração:

“Para quem se empenha seriamente, também haverá momentos em que lhe parecerá andar errante num deserto e, apesar de todos os seus esforços, nada

sentir em relação a Deus. Ele deve saber que essas provas não são poupadas a nenhum daqueles que tomam a oração a sério. Todavia, não deve identificar imediatamente essa experiência, comum a todos os cristãos que rezam, com a noite escura de tipo místico. De qualquer modo, durante esses períodos, a oração em que ele se esforçará por perseverar firmemente poderá dar-lhe a impressão de ter um carácter artificial, embora se trate, na realidade, de uma coisa completamente diferente: ela é, com efeito, precisamente nesse momento, **expressão da própria fidelidade a Deus**, na presença do qual quer permanecer mesmo quando não é recompensado por nenhuma consolação subjectiva. **Nesses momentos aparentemente negativos, torna-se manifesto aquilo que a pessoa que reza procura realmente: se procura verdadeiramente Deus, que sempre a ultrapassa na Sua infinita liberdade, ou se se procura a si própria”.**

Podemos tentar descrever as dificuldades e os obstáculos da oração a vários níveis. No mais exterior: a fadiga do corpo, a doença e a dor física podem ser situações humilhantes em que se descobre a própria incapacidade de rezar, pura e simplesmente quando se tem uma dor de dentes. No entanto, todas as condições físicas da oração podem constituir obstáculos, provas, lugares de combate pela fidelidade: o ambiente sonoro e as condições habitacionais, por exemplo. Associemos a tudo isso o que acontece quando o exterior invade o interior, quando os cuidados do mundo, por vezes legítimos, outras vezes desproporcionados, invadem todo o nosso ser, o nosso desejo, a nossa inteligência, a nossa vontade, e nós nos tornamos incapazes de rezar, a não ser balbuciando algumas fórmulas a meia voz. **Enquanto não tivermos experimentado que a nossa fidelidade por vezes é uma fidelidade de animal, não saberemos nada acerca do combate espiritual.**

Dificuldade mais subtil, mas igualmente – ou ainda mais – temível, é a que brota das questões que surgem sobre o sentido da oração. É a prova por excelência daqueles que dedicaram a sua vida à oração na vida monástica. Mais cedo ou mais tarde, levanta-se a questão: “Para quê?” A oração é verdadeiramente útil, não será uma perda de tempo em relação ao serviço eficaz dos pobres? Deus não pode salvar os homens sem a oração e, de qualquer modo, quando se vê como vai o mundo, poder-se-á verdadeiramente dizer que a oração apressa a vinda do Reino, se ele alguma vez chegar a vir? Esse pôr em causa radical estabelece por vezes um termo definitivo ou temporário para uma prática de oração, mesmo regular, quando os orantes não suportam o facto de não serem atendidos como esperavam.

Terceira ordem de dificuldade, o devido lugar da inteligência. Se esta ocupar um lugar excessivo na oração, esta deixa de ser oração, fica ressequida e morre

na reflexão. Se estiver presente de forma insuficiente, a oração dá voltas em torno dos sentimentos, ou até das sensações, não se alimenta, ou alimenta-se apenas da imaginação do orante, acabando também por ficar sufocada.

Podemos abordar esse problema com uma atenção demasiado tensa, demasiado inquieta, fixa no discernimento daquilo que se deve fazer, mesmo para Deus. Alimentando um desejo excessivo de ser um bom servidor, corremos o grande risco de nos ocuparmos muito de nós e pouco de Deus, corremos o risco de nunca desenvolvermos em nós a capacidade de abandono.

Por fim, podemos levantar a questão do combate, interrogando-nos sobre aquilo que contemplamos. A oração é sempre suscetível de deslizar para um monólogo em que nos contemplamos a nós mesmos, a nós mesmos enquanto rezamos, a nós mesmos nos nossos êxitos (como o fariseu do Evangelho), a nós mesmos no nosso pecado e nos nossos fracassos (como todos os escrupulosos). **Mesmo quando a oração tenta contemplar Deus com sinceridade, ela deve, a partir de certo momento, consentir em não saber mais nada, em não procurar mais nada, mas em deixar-se apanhar por Aquele que era procurado.**

Todas estas modalidades do combate, e mais algumas, marcam o itinerário espiritual daquele que ousa a aventura da oração. Nenhum método nos dispensa delas, a não ser o método de mudar constantemente o modo de oração, para evitar a prova da verdade. Cada um as atravessa à sua maneira, consciente do caminho que lhe falta percorrer. O diálogo com outros crentes, a caminhada na companhia de um grande autor espiritual cristão, podem ajudar-nos a fazer a nós próprios as perguntas certas, a identificar os impasses a que chegámos.

Após muitos anos de fidelidade quotidiana à oração silenciosa, certo homem escreveu, por ocasião dos seus 80 anos:

“Finalmente! Encontrei a Via, pensava eu... Alguns anos mais tarde, percebi que estava no caminho que conduz à via. Passaram os anos, eu só estava na vereda que conduz ao caminho... Hoje em dia, de costas encurvadas, dou-Te graças, Senhor, por me deixares descobrir a entrada da vereda...”

In https://snpcultura.org/oracao_fidelidade_disciplina_combate.html

A Virgem Maria, mulher orante



Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

No nosso caminho de catequeses sobre a oração, hoje encontramos a Virgem Maria como Mulher orante. Nossa Senhora rezava. Quando o mundo ainda não a conhece, quando é uma simples donzela, noiva de um homem da casa de David, Maria reza. Podemos imaginar a jovem de Nazaré, recolhida em silêncio, em diálogo contínuo com Deus, que em breve lhe teria confiado a sua missão. Ela já é cheia de graça e imaculada, desde a concepção, mas ainda nada sabe sobre a sua vocação surpreendente e extraordinária, e sobre o mar tempestuoso que terá de sulcar. Uma coisa é certa: Maria pertence ao grande exército dos humildes de coração, que os historiadores oficiais não incluem nos seus livros, mas com quem Deus preparou a vinda do Seu Filho.

Maria não governa autonomamente a sua vida: espera que Deus tome as rédeas do seu caminho e a guie para onde Ele quer. É dócil, e com esta sua disponibilidade predispõe os grandes acontecimentos que envolvem Deus no mundo. O Catecismo recorda-nos a sua presença constante e atenciosa no desígnio benévolo do Pai e ao longo da vida de Jesus (cf. CIC, 2617-2618).

Maria encontra-se em oração, quando o arcanjo Gabriel lhe vai levar o anúncio a Nazaré. O seu “Eis-me!”, pequeno e imenso, que naquele momento faz saltar de alegria toda a criação, na história da salvação tinha sido precedido por muitos outros “eis-me!”, por muitas obediências confiantes, por tantas disponibilidades à vontade de Deus. **Não há melhor maneira de rezar do que colocar-se, como Maria, em atitude de abertura, de coração aberto a Deus: “Senhor, o que Tu quiseres, quando Tu quiseres e como Tu quiseres!”. Ou seja, o coração aberto à vontade de Deus. E Deus responde sempre.** Quantos fiéis vivem assim a sua oração! Quem é mais humilde de coração, reza assim: digamos com humildade essencial; com humildade simples: “Senhor, o que Tu quiseres, quando Tu quiseres e como Tu quiseres!”. Reza assim, sem se zangar porque os dias estão cheios de problemas, mas indo ao encontro da realidade e consciente de que é no amor humilde, no amor oferecido em cada situação, que nos tornamos instrumentos da graça de Deus. Senhor, o que Tu quiseres, quando Tu quiseres e como Tu quiseres! Uma oração simples, mas que consiste em pôr a nossa vida nas mãos do Senhor: que Ele nos guie! Todos nós podemos orar desta forma, quase sem palavras.

A oração sabe acalmar a inquietação: mas nós estamos inquietos, queremos sempre as coisas antes de as pedirmos, e queremos-las imediatamente. Esta inquietação fere-nos, e a oração sabe acalmar a inquietação, sabe transformá-la em disponibilidade. **Quando estou inquieto, rezo e a oração abre o meu coração, tornando-me disponível à vontade de Deus.** Nos poucos instantes da Anunciação, a Virgem Maria soube rejeitar o medo, embora tenha previsto que o seu “sim” lhe teria causado provações muito duras. **Se na oração compreendermos que cada dia concedido por Deus é uma chamada, então dilataremos o coração e acolheremos tudo.** Aprende-se a dizer: “O que quiseres, Senhor. Promete-me apenas que estarás presente em cada passo do meu caminho”. **Isto é importante: pedir ao Senhor a Sua presença em cada passo do nosso caminho: que não nos deixe sozinhos, que não nos deixe cair em tentação, que não nos abandone nos momentos difíceis.** Conclui-se assim o Pai-Nosso é assim: a graça que o próprio Jesus nos ensinou a pedir ao Senhor.

Com a oração, Maria acompanha toda a vida de Jesus, até à morte e ressurreição; e no final continua, e acompanha os primeiros passos da Igreja nascente (cf. At 1, 14). Maria reza com os discípulos que atravessaram o escândalo da Cruz. Reza com Pedro, que sucumbiu ao medo e chorou de remorso. Maria está ali, com os discípulos, no meio dos homens e das mulheres que o seu Filho chamou para formar a Sua Comunidade. Maria não age como sacerdote entre eles, não! É a Mãe de Jesus que reza com eles, em comunidade, como um membro da comunidade. Reza com eles e por eles. E, mais uma vez, a sua oração precede o futuro que está prestes a cumprir-se: por obra do Espírito Santo, tornou-se Mãe de Deus, e por obra

do Espírito Santo, torna-se Mãe da Igreja. Orando com a Igreja nascente, torna-se Mãe da Igreja, acompanha os discípulos nos primeiros passos da Igreja, em oração, à espera do Espírito Santo. **Em silêncio, sempre em silêncio! A prece de Maria é silenciosa.** O Evangelho só nos narra uma oração de Maria: em Caná, quando pede ao seu Filho, por aquelas pobres pessoas, que estão prestes a fazer má figura na festa. Mas, imaginemos: oferecer uma festa de casamento e terminá-la com leite, porque não havia vinho! Mas que vergonha! E Ela suplica e pede ao seu filho que resolva aquele problema. A presença de Maria é por si só oração, e a sua presença entre os discípulos no Cenáculo, à espera do Espírito Santo, é orante. Assim, Maria dá à luz a Igreja, é Mãe da Igreja. O Catecismo explica: **“Na fé da sua humilde serva, o Dom de Deus - ou seja, o Espírito Santo - encontra o acolhimento que Ele esperava desde o princípio dos tempos”** (Catecismo, n. 2617).

Na Virgem Maria, a natural intuição feminina é exaltada pela sua união singular com Deus na oração. Por este motivo, lendo o Evangelho, observamos que às vezes Ela parece desaparecer, para depois reaparecer nos momentos cruciais: Maria está aberta à voz de Deus que guia o seu coração, que orienta os seus passos onde a sua presença é necessária. Presença silenciosa de mãe e de discípula. Maria está presente porque é Mãe, mas está presente também porque é a primeira discípula, aquela que melhor aprendeu as coisas de Jesus. Maria nunca diz: “Vinde, resolverei os problemas”. Mas diz: **“Fazei o que Ele vos disser”, indicando sempre com o dedo Jesus.** Esta atitude é típica do discípulo, e ela é a primeira discípula: reza como Mãe, ora como discípula.

“Maria conservava todas estas palavras, ponderando-as no seu coração” (Lc 2, 19). Assim o evangelista Lucas retrata a Mãe do Senhor no Evangelho da infância. Tudo o que acontece ao seu redor acaba por ter um reflexo no fundo do seu coração: tanto os dias cheios de alegria, como os momentos mais sombrios, quando até Ela tem dificuldade de compreender por que caminhos deve passar a Redenção. Tudo acaba no seu coração, para poder ser joeirado mediante a oração e por ela transfigurado. Quer sejam as dádivas dos Magos, quer a fuga para o Egipto, até à tremenda sexta-feira da paixão: **a Mãe conserva tudo, apresentando-o a Deus no seu diálogo com Ele. Alguém comparou o coração de Maria com uma pérola de esplendor inigualável, formada e limada pela aceitação paciente da vontade de Deus, através dos mistérios de Jesus meditados na oração. Que bom se também nós pudéssemos assemelhar-nos um pouco à nossa Mãe! Com o coração aberto à Palavra de Deus, com o coração silencioso, com o coração obediente, com o coração que sabe receber a Palavra de Deus, deixando-a crescer com uma semente do bem da Igreja.**



OS SETE SACRAMENTOS DA IGREJA

OS SACRAMENTOS DA CURA

295. Porque é que Cristo instituiu os sacramentos da Penitência e da Unção dos enfermos?

Cristo, médico da alma e do corpo, instituiu-os porque a vida nova, que Ele nos deu nos sacramentos da iniciação cristã, pode ser enfraquecida e até perdida por causa do pecado. Por isso, Cristo quis que a Igreja continuasse a sua obra de cura e de salvação mediante estes dois sacramentos.

O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA E DA RECONCILIAÇÃO

296. Como é chamado este sacramento?

É chamado sacramento da Penitência, da Reconciliação, do Perdão, da Confissão, da Conversão.

297. Porque existe um sacramento da Reconciliação depois do Baptismo?

Porque a nova vida da graça, recebida no Baptismo, não suprimiu a fragilidade da natureza humana nem a inclinação para o pecado (isto é, a *concupiscência*), Cristo instituiu este sacramento para a conversão dos baptizados que pelo pecado d'Ele se afastaram.

298. Quando foi instituído este sacramento?

O Senhor ressuscitado instituiu este sacramento quando, na tarde de Páscoa, se mostrou aos Apóstolos e lhes disse: «Recebi o Espírito Santo; àqueles a quem perdoardes os pecados serão perdoados, e àqueles a quem os retiverdes serão retidos» (Jo 20, 22-23).

299. Os baptizados têm ainda necessidade de conversão?

O apelo à conversão ressoa continuamente na vida dos baptizados. Esta conversão é um empenho contínuo para toda a Igreja, que é santa mas contém pecadores no seu seio.

300. O que é a penitência interior?

É o dinamismo do «coração contrito» (Sal 51,19), movido pela graça divina a responder ao amor misericordioso de Deus. Implica a dor e a repulsa pelos pecados cometidos, o propósito firme de não mais pecar e a confiança na ajuda de Deus. Alimenta-se da esperança na misericórdia divina.

301. Como se manifesta a penitência na vida cristã?

A penitência manifesta-se de muitas maneiras, em especial pelo jejum, a oração e a esmola. Estas e muitas outras formas de penitência podem ser praticadas

na vida quotidiana do cristão, especialmente no tempo da Quaresma e no dia penitencial de Sexta-feira.

302. Quais os elementos essenciais do sacramento da Reconciliação?

São dois: os actos realizados pelo homem que se converte sob a acção do Espírito Santo e a absolvição do sacerdote, que em Nome de Cristo concede o perdão e estabelece a modalidade da satisfação.

303. Quais são os actos do penitente?

São: um diligente *exame de consciência*; a *contrição* (ou arrependimento), que é perfeita, quando é motivada pelo amor a Deus, e imperfeita, se fundada sobre outros motivos, e que inclui o propósito de não mais pecar; a *confissão*, que consiste na acusação dos pecados feita diante do sacerdote; a *satisfação*, ou seja, o cumprimento de certos actos de penitência, que o confessor impõe ao penitente para reparar o dano causado pelo pecado..

304. Que pecados se devem confessar?

Devem-se confessar todos os pecados graves ainda não confessados, dos quais nos recordamos depois dum diligente exame de consciência. A confissão dos pecados graves é o único modo ordinário para obter o perdão.

305. Quando se é obrigado a confessar os pecados graves?

Todo o fiel, obtida a idade da razão, é obrigado a confessar os seus pecados graves ao menos uma vez por ano e antes de receber a Sagrada Comunhão.

306. Porque é que os pecados veniais podem ser também objecto da confissão sacramental?

A confissão dos pecados veniais é muito recomendada pela Igreja, embora não estritamente necessária, porque nos ajuda a formar uma consciência recta e a lutar contra as más inclinações, para nos deixarmos curar por Cristo e progredirmos na vida do Espírito.

307. Quem é o ministro deste sacramento?

Cristo confiou o ministério da reconciliação aos seus Apóstolos, aos Bispos seus sucessores e aos presbíteros seus colaboradores, os quais portanto se convertem

em instrumentos da misericórdia e da justiça de Deus. Eles exercem o poder de perdoar os pecados *no Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*.

308. A quem é reservada a absolvição de alguns pecados?

A absolvição de alguns pecados particularmente graves (como os punidos com a excomunhão) é reservada à Sé Apostólica ou ao Bispo do lugar ou aos presbíteros por ele autorizados, embora todo o sacerdote possa absolver de qualquer pecado e excomunhão a quem se encontra em perigo de morte.

309. O Confessor é obrigado ao segredo?

Dada a delicadeza e a grandeza deste ministério e o respeito devido às pessoas, todo o confessor está obrigado a manter o sigilo sacramental, isto é, o absoluto segredo acerca dos pecados conhecidos em confissão, sem nenhuma exceção e sob penas severíssimas.

310. Quais são os efeitos deste sacramento?

Os efeitos do sacramento da Penitência são: a reconciliação com Deus e portanto o perdão dos pecados; a reconciliação com a Igreja; a recuperação, se perdida, do estado de graça; a remissão da pena eterna merecida por causa dos pecados mortais e, ao menos em parte, das penas temporais que são consequência do pecado; a paz e a serenidade da consciência, e a consolação do espírito; o acréscimo das forças espirituais para o combate cristão.

311. Quando se pode celebrar este sacramento com confissão genérica e absolvição colectiva?

Em casos de grave necessidade (como o perigo iminente de morte), pode-se recorrer à celebração comunitária da Reconciliação com confissão genérica e absolvição colectiva, respeitando as normas da Igreja e com o propósito de confessar individualmente os pecados graves no tempo oportuno.

312. O que são as indulgências?

As indulgências são a remissão diante de Deus da pena temporal devida aos pecados, já perdoados quanto à culpa, que, em determinadas condições, o fiel adquire para si ou para os defuntos mediante o ministério da Igreja, a qual, como dispensadora da redenção, distribui o tesouro dos méritos de Cristo e dos Santos.

PORTUGAL

“O Relatório da AIS sobre a Liberdade religiosa no mundo é um alerta muito importante”, afirma D. José Traquina, que se mostrou “impressionado” pelos dados revelados pela Fundação AIS no mais recente Relatório sobre a Liberdade Religiosa no Mundo, documento que foi apresentado no dia 22 de Março em Tomar, na Igreja de S. João Baptista, perante dezenas de pessoas. O prelado destacou o facto de os Cristãos serem a comunidade religiosa mais perseguida e sublinhou a urgência da solidariedade para com os que mais sofrem. “Não podemos ser egoístas, não podemos ser indiferentes”, disse também.

SUÉCIA

As autoridades suecas recusaram conceder o asilo requerido por Hanna Saka, um cristão iraquiano de 84 anos que tinha fugido da violência jihadista do Estado Islâmico no seu país. O processo arrastou-se por sete anos. No passado dia 27 de Fevereiro, Saka foi colocado num avião que o iria deportar de Estocolmo para Bagdade. Já não chegou ao seu destino. O octogenário morreu durante o voo e o avião da companhia turca terá realizado uma aterragem de emergência na Polónia, tendo as autoridades locais procedido à realização de autópsia. Segundo relatou o irmão, o estado de saúde de Hanna Saka, que sofria de problemas cardíacos, ter-se-ia deteriorado nos últimos tempos devido ao ‘stress’ causado pela situação de impasse em que se encontrava.

GUINÉ EQUATORIAL

A Igreja está a avançar com o processo de beatificação do catequista mártir José Esono. O jovem foi queimado vivo na década de 30 do século passado, após ter sido acusado de bruxaria. O Bispo de Ebideyín esteve de visita à sede internacional da Fundação AIS, na Alemanha, e mostrou o empenho neste processo que diz muito aos fiéis deste país que, após a independência em 1968, viveu um período de ditadura comunista em que os fiéis foram perseguidos e as igrejas transformadas em armazéns de café e cacau.

SUDÃO DO SUL

Na Diocese de Wau há uma equipa de futebol feminino que joga com as cores de Portugal. As camisolas e as botas foram oferecidas pela Federação Portuguesa de Futebol. As raparigas, equipadas a rigor, treinam todas as semanas. Jogar à bola, na Diocese de Wau, tem um significado muito especial. É que, através do desporto, aprende-se o que é a união, a fraternidade, e até o amor. Para a “treinadora”, a Ir. Beta Almendra, isso é o mais importante, especialmente num país como o Sudão do Sul, marcado pela violência e a guerra...

● Dinamismo

● Inquietação

● Sofrimento

TURQUIA

A Fundação AIS está empenhada em ajudar a preservar a presença cristã na Turquia, um país especial. Por lá andaram S. Paulo e S. João a pregar o Evangelho e, diz a tradição, viveu também a Virgem Maria. Para D. Martin Kmetec, Arcebispo de Esmirna, tudo isto mostra que a Turquia é uma verdadeira “Terra Santa esquecida” que importa fazer renascer. O prelado esteve recentemente de passagem pela sede internacional da Fundação AIS, na Alemanha, e falou de alguns dos projectos que estão a ser promovidos e que visam não só a preservação de edifícios, mas também, claro, a assistência à comunidade cristã.

ÍNDIA

Está a aumentar o número de casos de perseguição religiosa. Nos primeiros 75 dias deste ano foram relatados 161 incidentes de discriminação e de perseguição contra os Cristãos na Índia, de acordo com um documento do Fórum Cristão Unidos para os Direitos Humanos (UCF), uma organização ecuménica indiana que monitoriza a perseguição contra esta comunidade religiosa. Os incidentes foram da responsabilidade de indivíduos, mas também de órgãos públicos, e quase 30% dos casos ocorreram no estado de Chhattisgarh.

SÍRIA

Travar o êxodo dos Cristãos é uma das prioridades da Igreja neste país em guerra há 14 anos. Um conflito armado brutal que já ceifou a vida a mais de 400 mil pessoas e que provocou uma das maiores crises de deslocados em todo o planeta. Calcula-se que mais de 13 milhões de sírios [numa população de cerca de 23 milhões de habitantes] fugiram do país ou estão a viver fora das suas casas, das suas terras de origem, noutras regiões dentro das fronteiras da Síria. E os que ficaram sonham em partir. A Fundação AIS está fortemente empenhada em combater esse êxodo através de diversos projectos de apoio às famílias.

SEQUÊNCIA DO PENTECOSTES

Vinde, ó santo Espírito,
vinde, Amor ardente,
acendei na terra
vossa luz fulgente.

Vinde, Pai dos pobres:
na dor e aflições,
vinde encher de gozo
nossos corações.

Benfeitor supremo
em todo o momento,
habitando em nós
sois o nosso alento.

Descanso na luta
e na paz encanto,
no calor sois brisa,
conforto no pranto.

Luz de santidade,
que no Céu ardeis,
abrasai as almas
dos vossos fiéis.

Sem a vossa força
e favor clemente,
nada há no homem
que seja inocente.

Lavai nossas manchas,
a aridez regai,
saraí os enfermos
e a todos salvai.

Abrandai durezas
para os caminantes,
animai os tristes,
guiai os errantes.

Vossos sete dons
concedei à alma
do que em Vós confia:

Virtude na vida,
amparo na morte,
no Céu alegria.

